



Plurais

Virtual

Universidade Estadual de Goiás
Unidade Universitária de Ciências Sócio-Econômicas e Humanas de Anápolis

ZYGMUNT BAUMAN E A CULTURA NA MODERNIDADE LÍQUIDA¹

Zygmunt Bauman and Culture at Liquid Modernity

Matheus de Mesquita e Pontes²

Nos últimos anos, a Editora Zahar, que detém os direitos autorais do sociólogo Zygmunt Bauman no Brasil, lançou um conjunto de publicações do autor sobre o tema cultura. Em 2012, para a surpresa de seus leitores brasileiros, foi editada a obra *Ensaio sobre o conceito de cultura*, escrita e publicada originalmente em 1973 com o título *Culture as praxis*, quando Bauman vivia seus primeiros anos em território inglês, depois de uma temporada de migração entre nações de língua anglo-saxônica após seu exílio “voluntário” da Polônia – sua terra natal – nos tempos do dito “socialismo real”. O livro revela um sociólogo influenciado pelos debates da antropologia e dos estudos da semiótica, produzidos principalmente nos Estados Unidos e na Inglaterra, sendo que o marxismo é sua principal base de formulação propositiva para uma cultura inovadora e criativa que vá em oposição à alienação e aos acirramentos socioculturais existentes no mundo e, em especial, na Europa. Uma obra densa teoricamente, que certamente se voltava a um diálogo entre intelectuais da época, distinta, assim, de seus ensaios contemporâneos, nos quais o autor se dirige a um vasto número de leitores no mundo ocidental.

No ano subsequente, em 2013, com o intuito de dar continuidade à reflexão do tema cultura nos escritos de Bauman – além das comparações entre suas reflexões no passado e no presente –, foram lançados no Brasil os livros *Sobre educação e juventude* e *A cultura no mundo líquido moderno*, nos quais o autor utiliza o conceito de “modernidade líquida” – termo que ainda não estava “desenvolvido” em *Culture as praxis* –, nascente na sociedade de consumo, para compreender a dinâmica cultural da sociedade contemporânea. Nossa intenção com este texto é de realizar uma descrição e reflexão sobre os ensaios da última obra citada.

1 Resenha da obra: BAUMAN, Zygmunt. *A cultura no mundo líquido moderno*. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. 108 p.

2 Professor do Instituto Federal do Mato Grosso e doutorando em História.

A cultura no mundo líquido moderno é uma obra composta por seis ensaios que abordam as transformações do conceito de cultura, a relação moda e cultura, as questões culturais frente à construção das nacionalidades e do atual mundo globalizado, a cultura e a questão das diásporas contemporâneas, a cultura perante o processo de construção da União Europeia e as relações da cultura com o Estado e o mercado. No primeiro ensaio, “Apontamentos sobre as peregrinações históricas do conceito de ‘cultura’”, Bauman coloca que, durante a época moderna industrial, a hierarquia cultural servia para distinguir uma elite letrada do restante da população, porém, no projeto iluminista voltado à construção do Estado-nação, a cultura das elites deveria ser levada ao “populacho”, sendo que cabia à nascente e valorizada intelectualidade operacionalizar a ação por meio do processo educacional, ao colocar cultura a serviço do *status quo*, garantindo, assim, estabilidade e manutenção do equilíbrio do sistema. Para os Estados europeus, após a consolidação interna da cultura nacional, era necessário levar a salvação aos selvagens – povos não europeus – que viviam em estado de barbárie, colonizando-os e garantindo a evolução cultural da humanidade – como também assegurando o controle social e o crescimento econômico da Europa.

Apropriando-se das reflexões de Pierre Bourdieu, observa-se que no transcorrer do século XX a produção artística era endereçada a determinada classe social específica, fechada em si por seus interesses e sinalizando a rejeição de possíveis conciliações. Diferente da estabilidade impulsionada pelo Estado ou pelos interesses das classes sociais no interior da sociedade, o mundo globalizado, para Bauman, fez a cultura sair do sua condição “sólida” para “líquida”, tornando-se a ação do indivíduo preponderante frente ao coletivo. Na contemporaneidade da “modernidade líquida”, a cultura consiste em ofertas/estímulos para uma sociedade de consumo, orientada pela flexibilidade de padrões e em constante rotatividade. A cultura de hoje não está direcionada para educar o “populacho” ou para afirmar interesses de classe, mas sim para estimular fantasias de clientes que nunca serão plenamente saciados para garantir a constante vitalidade do consumo.

“Sobre moda, identidade líquida e utopia nos dias atuais: algumas tendências culturais no século XXI”, seu segundo ensaio apresentado no livro, aponta que a moda historicamente esteve ligada à regulamentação e à estabilidade do grupo social no qual foi desenvolvida, sendo que na sociedade de consumo ela tende a multiplicar as tendências e as distinções de acordo com as possíveis demandas de mercado, fatores que só aumentam os graus de desigualdades, discriminação e deficiência nas relações humanas. Para Bauman, a

moda exerce hoje desejos contraditórios: em determinado instante estimula sentimentos de pertencimento a um grupo ou aglomerações e em outro abre possibilidades de os indivíduos se distinguirem das massas. Independentemente das contradições, os desejos são breves para impulsionar o descarte e consequentemente um novo consumo pela nova moda emergente. Nessa lógica do rápido desapego estimulado pelo mercado, o sociólogo diagnostica que a cultura ficou subjugada à mesma lógica da moda. No campo das utopias, se a felicidade na era moderna sólida seria encontrada em uma sociedade que pudesse ofertar segurança e constante estabilidade nos prazeres, na modernidade líquida não existe fim a ser alcançado, mas uma constante busca por saciar os desejos no consumo; a felicidade como anseio utópico sempre está para ser renovada, assim como a moda.

No terceiro ensaio, “Cultura: da construção da nação ao mundo globalizado”, e no quarto, “A cultura num mundo de diásporas”, Bauman centra sua análise na ação dos intelectuais. No modelo de Estado moderno influenciado pelos impactos da Revolução Francesa, utopicamente se pretendia a garantia de oportunidades iguais a todos os seus cidadãos e que, através da educação pensada/cultivada pela intelectualidade, todos poderiam se enquadrar na nova ordem com seus direitos e deveres. Com o novo modelo, acreditava-se na educação de massas, na eliminação das diferenças regionais e das velhas tradições de origem feudal, como também no comprometimento e engajamento mútuo do Estado e de seus administrados rumo à construção da nação e da felicidade coletiva. Tal momento histórico, do final do século XVIII às últimas décadas do século XX, seria a era da “modernidade sólida”, período de força do Estado e de seus intelectuais.

Com o impulso da globalização chega o findar das ilusões com a soberania territorial e, consequentemente, o enfraquecimento do Estado e sua (im)posição de cultura nacional. Com o declínio dos modelos educadores para garantir a estabilidade estatal, aliado ao avanço das novas mídias e do consumo incessante, emerge um excesso de liberdade de escolhas. Agora o direito de ser diferente entra em moda, assim como o direito de ser indiferente à diferença. Segundo Bauman, trata-se de um modelo “multicomunitarista” que é denominado pela intelectualidade contemporânea como “multiculturalismo”, um sistema em que as comunidades culturais estão próximas, mas raras vezes constroem o diálogo entre si. É uma estrutura na qual prevalece a desconfiança, o temor e as incertezas e nela dificilmente se obterão benefícios e prazeres com a coexistência do outro. Bauman critica o não engajamento da atual intelectualidade que, segundo ele, preocupa-se mais com o *status*, o carreirismo

acadêmico e a possibilidade de ser midiática do que em assumir, como educadores e opositores, as segregações e as constantes diásporas degradantes. Além disso, o novo culturalismo, agraciado pela intelectualidade, “busca minar a consciência moral e aceitar a desigualdade humana encarando-a como um fato que ultrapassa nossa capacidade de intervenção” (2013, p. 47). Para Bauman, os intelectuais deveriam estimular o sentimento de segurança e o diálogo entre as culturas por meio da construção de intercâmbios.

No quinto ensaio, “A cultura numa Europa em processo de unificação”, Bauman relembra que na formação do nacionalismo moderno europeu, dentro das fronteiras de um Estado, deveria-se ter apenas espaço para uma língua, uma cultura, uma memória histórica e a lealdade aos novos símbolos erguidos. Esse estímulo às paixões nacionalistas tinha como função legitimar a soberania estatal e garantir a disciplina civil. Minorias étnicas tinham apenas duas opções frente à (im)posição do Estado: assimilar-se ou perecer. Qualquer sinal de questionamento ou resistência à cultura criada era posta como traição à nação e ao Estado, um ato de rebeldia passível de rejeição, indiferença e repressão. Para Bauman, tal cerceamento só estimulava os laços comunitários, as indiferenças e incertezas frente ao “outro”.

Com a globalização, o Estado está abrindo mão da integração social interna e da administração da ordem do sistema, fato que vem garantindo maior oferta das liberdades para a transição global dos capitais, das informações e para as inter-relações. Apesar do clima de satisfação transitória, ainda não existe o pleno sentimento de segurança. Nesse sentido, Bauman observa com bons olhos a formação da União Europeia, acreditando que ela não fere a identidade dos países aderentes ao estimular garantias de segurança e solidariedade ao povo europeu. “A União Europeia é a nossa chance de realizar essa fusão. É, afinal, nosso laboratório comum, no qual conscientemente ou não, de boa vontade ou não, nós fundimos os horizontes dos grupos, engrandecendo a todos nesse processo” (2013, p. 81). Na lógica das trocas e “fusão dos horizontes”, o autor chega a propor a formação de uma “Biblioteca da Cultura Europeia”, levando em consideração todas as culturas e línguas no território europeu. O “bloco” é apresentado como um exemplo para contrapor-se ao fundamentalismo e às diferenças e indiferenças impulsionadas pelo “multiculturalismo” pró-comunitário. Porém, Bauman não cita os altos índices de desemprego, a insatisfação popular e o crescente

endividamento e empobrecimento dos países periféricos da União Europeia, assim como a exclusão de várias nações europeias mais pobres da região leste/oriental no “bloco”³.

No último ensaio, “A cultura entre o Estado e o mercado”, Bauman acentua que o Estado na era moderna “sólida” sempre limitou a atuação artística a seus interesses. Usando a França como exemplo, o autor lembra que mesmo no governo de Charles de Gaulle (1959-1969), no qual o pluralismo cultural e a criatividade foram estimulados, os atritos existiam. Na modernidade “líquida”, a cultura fica refém do consumo, do iminente lucro e da satisfação do cliente, limitando também a criação do artista ao mercado. Para estimular a autonomia das artes e da cultura, Bauman propõe que o Estado promova o encontro entre artistas e o público, incentivando atividades artísticas locais e garantindo subsídios à criatividade cultural.

3 No livro *Sobre educação e juventude*, Bauman já aborda as manifestações na Europa, oriundas da crise econômica e social, e como a mixofobia e a xenofobia renascem com apoio do Estado sob o lema de defender direitos e o padrão de vida local contra a ameaça do “outro”. Nesta obra, a União Europeia não é posta como uma proposição positiva para a “fusão de horizontes” ou estímulos a diálogos entre culturas.